

Sempre é muito curioso o modo como você aborda a vertente histórico-cultural do texto literário, as associações sutis, perspicazes, que vai fazendo com os nomes, os lugares, as personagens históricas e os elementos culturais. Esta informação confirmou minha compreensão da estrutura do texto romanesco, uma arquitetura poética: *O que talvez nem todos saibam – porque a edição que estou usando não ajuda –, é que esse romance está dedicado a um poeta. Chesterton, que além de escritor e jornalista, também foi poeta, dedicou-o ao seu colega da St. Paul School, em Londres, Edmund Clerihew Bentley, criador dos clerihews, poemas whimsical, fantasiosos, de quatro linhas biográficas.* Acho que nesse romance Chesterton apresenta sua *Poética*, uma literatura participante, o que aqui arrazoa o gênero detetivesco, recusando assim o conformismo, que representa um perigo para a arte. Você refere Assis Brasil ao comentar a preocupação da época com os conspiradores escoceses e irlandeses em busca da independência de seus respectivos países, advertindo: *é verdade, mas não só. Se no texto está aludida a relação entre ingleses e escoceses, é antes porque, contando a história de sua aldeia, conta-se a história do mundo.* E acho que é mais por aqui mesmo, trata-se, certamente, mais da denúncia da condição universal humana, quanto à relação do indivíduo, ou sujeito, com o Poder invisível, em *assujeitamento*, ou em *participação*, no sentido do conceito platônico, *metéxis* – participação no *Todo*. Não nos esqueçamos de que, para todos, como você mesmo chamou nossa atenção, Domingo representava o *universo*. A sua decifração da senha nos nomes Chamb.er.lain e Rat.cliffe é excelente. Também concordo com sua observação crítica que vai de encontro à afirmativa de que *O Homem que Era Quinta-feira* seria um conjunto de *várias histórias intercaladas*; claro que assim se perderia o fio condutor que une todos eles: a lógica detetivesca. Há um *rostro invisível* que serve de liame entre eles, e esse é o mistério. Syme diz: *E assim o rosto dele forçou-me, de certo modo, a duvidar da existência de qualquer rosto* (p.175).

Penso na alusão à lógica de Poe, em *A carta roubada*, ele é citado por Chesterton. É essa a lógica empregada na trama, a mesma lógica da matemática usada pelo detetive Dupin, que é também a mesma lógica dedutiva dos três prisioneiros que você refere, citando Lacan. Acho que

nessa lógica encontra-se justamente a *Poética* do autor. Revolucionária, tudo aí é visto às avessas, e daí ser Gregory um bom representante a poesia, o poeta dos cabelos vermelhos. Incendiário. Mas também Syme o é, pela *participação* - a *metéxis* platônica-, pois, sendo representante da lei, sabe que *cada coisa que obedece à lei pode partilhar da glória e do isolamento do anarquista* (p.192). Ele também fez a *descida aos infernos*, o que é próprio ao poeta. Podemos averiguar a influência de Poe neste excerto de Chesterton:

A missão do polícia-filósofo (...) é mais arriscada e mais sutil do que a do simples detetive. O detetive comum vai às cervejarias capturar ladrões; nós nos dirigimos aos serões artísticos para descobrir pessimistas. Através das páginas de um razão ou de um diário os detetives comuns descobrem que se cometeu um crime. Nós, através de um livro de sonetos, descobrimos que um crime está para ser cometido (p.45).

Outro excerto que deixa evidente essa lógica está nas páginas 54 e 55, quando o secretário narra a Syme o que sabe sobre o presidente, *o chefe invisível*. Assim o diz:

Assim, caso você não saiba, é bom saber desde já que ele está pondo em prática um novo plano de esconder-se. Consiste precisamente em não nos escondermos de jeito nenhum. No começo, evidentemente, nós nos reuníamos numa cela subterrânea, tal como vocês. Depois Domingo ordenou que reservássemos um quarto num restaurante. Diz ele que se nós não parecermos estar escondidos ninguém pensará em perseguir-nos. (...) Pois não é que agora nos pavoneamos nas barbas do público? (p.55)

Não podemos deixar de evocar a *carta* do conto de Poe exposta na mesa da Rainha e do Ministro, não é? Há, igualmente, a circularidade simbólica marcando o lugar de cada um, na posse do cartão azul. Acho que a teoria poética de Chesterton está bem explicada aí.

Você chamou atenção para o trabalho da sobredeterminação do sonho. Acho então que, por essa via, podemos condensar todos os demais personagens numa só figura, e aí, mais uma vez, achei incrível sua interpretação do nome *Chamberlain*, decifrando a senha - *estar deitado*:- trata-se do *sujeito que está deitado* e tendo *pesadelo*; daí *pânico*, de *Pan*, entidade mitológica referida pelo autor, registrando esse sentido. Todos os seis personagens estão simbolicamente marcados com igual cifra: a cor

azul, o traço diferencial que os identifica face ao *chefe invisível*: Domingo, a alteridade, o Outro. Logo, essa poderia ser uma das abordagens de leitura, pelo viés psicanalítico.

Na página 161, Domingo assim se define:

- Eu? Que sou eu? (...) Querem saber o que sou? Querem? Bulll, você, que é um homem de ciência, cave em torno das raízes dessas árvores e descubra a verdade que elas escondem. Syme, você que é um poeta, contemple e interrogue essas nuvens matutinas. (...) Entenderão o mar, e eu permanecerei um enigma.

Nem a ciência, nem a poesia, portanto, dão conta desse inefável Outro. Mas podemos ler esse romance também com a ótica da Religião cristã, uma batalha entre o *bem* e o *mal*. O próprio autor entrega-nos a chave: a *Batalha do Armagedon*, com as profecias do Apocalipse, a batalha final entre os poderes do bem e do mal. E aí encontramos o simbolismo contido nas imagens plásticas que Chesterton utiliza e nos demais sinais; no cartão azul, as palavras inscritas: *A Última Cruzada*. Todos reunidos para o grande dia final.

Mas a pontuação do autor que chamou minha atenção para uma outra leitura foi esta: já no final do romance, refere a *Ilíada*, alterando a classe deste nome por meio do processo taxionômico: o substantivo *Ilíada* passa a adjetivo, *ilíada*, o que significa que *todos* são, igualmente, heróis em batalha, lutando em nome da *honra* e heroicamente destinados à *morte*. Assim está (cap. XV, p.188, na minha edição):

Suponho recordar os séculos da guerra heróica em que vocês foram heróis: epopéia sobre epopéia, ilíada sobre ilíada, e vocês sempre como irmãos de armas. Não sei se foi recentemente (porque o tempo nada é), ou no princípio do mundo, que os enviei para a guerra. Eu estava sentado na treva onde não existe coisa criada, e fui para vocês apenas uma voz que exigia coragem e virtude sobrenatural. Ouviram minha voz no escuro, e não a ouviram de novo. O sol, no céu, negava-a, a terra e o céu negavam-na, toda a sabedoria humana negava-a. E quando os encontrei em plena luz do dia, eu mesmo neguei-a. (p.188)

Esse excerto me deu a chave para uma possível interpretação na seara da Mitologia. Todos aí são pares heroicos em vicissitudes, comandados pelo

destino, *a voz no escuro*. Todos os que possuíam os cartões azuis são valorosos guerreiros da *ordem – polícia-*, em luta - a epopeia humana-, contra a *desordem*; logo, *agon* entre *kaos* e *kosmos*, *luz* e *trevas*; ou seja, aqui o par antinômico fundamental não é o *bem/mal*, mas, fundamentalmente, o da gênese cosmogônica: *ordem* e *desordem*, o tema da *criação (criação poética, poésis)*. Falando a respeito dessa filosofia, assim diz (acho que foi Syme, não me lembro, esqueci de referir a página): *Crêem que todos os funestos efeitos do crime são conseqüências normais do sistema que lhe deu o nome de crime*. Essa concepção corresponde justo à noção de que só há crime se antes lhe preceder a ordem, a lei. Consequentemente, a ordem é que institui a transgressão, uma boa justificativa para a filosofia anarquista.

O tempo é sincrônico. *O tempo nada é* porque, evidentemente, tudo é – tempo mítico, sem predicação; ou, de acordo com a primeira abordagem, refere o atemporal inconsciente. Daqui sigo fazendo minhas associações nesta área do saber: a Mitologia.

Domingo e os seis personagens associao-os aqui, pois, à relação mantida entre os deuses olímpicos homéricos e os homens. E aí recorro ao helenista Albin Lesky, na sua *História da Literatura Grega*, para fazer uma análise dessa relação; diz que se falou tanto do antropomorfismo dos deuses homéricos que já não se distinguia a distância abissal que separava os deuses dos homens. Ele diz que esse abismo não representa apenas a *imortalidade*, mas a *força sobrenatural* que subordina os homens a leis próprias. E cita a *crença num destino impessoal, pelo qual a cada homem está determinada a sua parte (αισα, μοιρα)*, dizendo estar *ora próxima, ora acima deles*. Lesky discerne então três formas antinômicas de relação entre eles que pode nos ajudar a fazer essa leitura: 1. proximidade/distância; 2.favor/crueldade; 3. arbitrariedade/ justiça.

Quanto ao primeiro par antinômico, ele diz que os deuses relacionam-se de diversos modos com os homens, por meio de sinais, enviando mensageiros, ou aparecem com forma humana, e assim vimos Domingo ser presentificado. A distância, por sua vez, é marcada pelo repúdio ao humano. Os deuses possuem natureza diferente, são imortais, daí quando se encontram em batalha, comenta Lesky, *tudo é, para eles, diversão*, e

exemplifica: *Hera rindo, atinge Ártemis com o arco, junto aos ouvidos e, lá em cima, no Olimpo, encontra-se o pai dos deuses que goza alegremente o espetáculo destas rixas* (p.489). Uma boa comparação podemos fazer por meio do comentário de Syme com o parceiro Bull sobre a função que desempenharam na aventura que viveram: *Éramos todos um magote de policiais vigiando-nos uns aos outros. Em todo esse povo excelente que tem estado a azucrinar-nos com seus tiros pensava que éramos os dinamiteiros*. Bull acrescenta: *Eu sabia que não podia estar enganado com as multidões* (p.155). Ora, Domingo, o *chefe invisível*, dir-lhes-ia logo mais adiante: *Se desejam saber o que são, direi que são um bando de asnos moços e sumamente bem intencionados* (p.160). Indiferença em relação à raça humana. Tal qual os deuses gregos, assim, indiferente, não estava brincando com os desprezíveis humanos? Lembremo-nos também dos disfarces que usava, de suas inexplicáveis retiradas, como, qual oragontango, dependura-se na balaustrada da varanda e *dando pulos elásticos no calçamento como uma desmesurada bola de borracha*, assim, incólume, escapando (p.161). É indestrutível, é imortal. Syme escutara distante a voz de Domingo ressoando em alguma parte: *Podes beber na mesma taça em que eu bebo?* (p.192). A raça humana não é imortal.

O segundo par de antinomias, segundo Lesky, aponta para os favores e a crueldade que deles poderão advir; como exemplo, cita o *leve gesto com que Atena imprime à frecha de Pândaro (4.130) uma direção inofensiva, do mesmo modo que uma mãe afugenta uma mosca de seu filho (Id.)*. Mas Lesky adverte que essa benevolência transforma-se em dura crueldade, como na morte de Heitor, quando Atena entrega a espada de Aquiles *por meio de um ardil traiçoeiro (Id.)*. Foi assim que vimos, por exemplo, tiros de pistola ser arremetidos sem atingir o alvo...

Quanto ao último par, *arbitrariedade e justiça*, esse refere a questão da moralidade dos deuses homéricos. Lesky comenta que a disputa dos deuses na *Ilíada*, no Canto IV, mostra que só vale a vontade dos deuses. A frase de Domingo bem exprime esse binômio: *Há, porém, uma coisa que vou dizer-lhes acerca de minha identidade. Sou o homem do quarto escuro, o homem que os fez detetives* (p.161). Poderíamos talvez

interpretar essa mensagem, concluindo com a leitura de Lesky na Mitologia:

A vontade humana e os planos divinos encontram-se completamente entrelaçados, e esta conexão é tão íntima que toda a separação baseada em critérios lógicos destruiria a unidade desta imagem do mundo.

Mas, de qualquer modo, a ideia que, a meu ver, passa em qualquer das três interpretações, é-nos transmitida pelo ponto de vista do personagem Domingo:

- Vou dizer-lhes o segredo do mundo. É que do mundo só conhecemos as costas. Tudo é visto por trás, e por isso parece brutal. Isso não é uma árvore, mas as costas de uma árvore. Aquilo não é uma nuvem, mas as costas de uma nuvem. Não vêem que tudo está voltado de costas e esconde o rosto? (p.177)

Uma questão também cumpre levantar: por que Syme fora escolhido para ser o Quinta-feira do Conselho Geral dos Anarquistas? Aí está o segredo: aquele conselho era formado não por anarquistas, o único anarquista verdadeiramente era o poeta dos cabelos vermelhos: Mr. Lucian Gregory, que fora afastado pela retórica do poeta Syme. Como no quinto dia da Criação cosmogônica foram criados pelos pares de opostos, o *sol* e a *lua*, talvez então este excerto, em *I.s.*, nos dê a resposta: *A aventura pode ser louca, mas o aventureiro deve ser são. Ao responder por que motivo a mosca combate todo o universo, Syme sabe que é porque cada coisa que obedece à lei pode partilhar da glória e do isolamento do anarquista* (p.192). *Assim, sol e lua, cada um que combate pela ordem pode ser tão bravo e bom como o dinamiteiro* (p.192).

Enfim, a mensagem subjacente à trama que apreendo é: Literatura é *práxis*. O conformista não pode fazer arte.

*Dulcinea Santos*

Escritora, Crítica Literária  
Coordenadora de Grupos de estudo de Mitologia  
na Instituição Psicanalítica  
*Traço Freudiano Veredas Lacanianas*  
Recife, 6 de dezembro de 2010.

